

ENTREVISTA COM DORA DE AMARANTE ROMARIZ

Por Luciene Cristina Risso¹.

1) O que a levou a interessar-se por cursar Geografia e História pela Faculdade Nacional de Filosofia da Universidade do Brasil?

R: Desde os tempos de Ginásio sempre gostei muito da matéria, tendo sido monitora do Gabinete de Geografia no Instituto de Educação do Rio de Janeiro, onde me formei professora primária. Assim, ingressar no Curso de Geografia da Faculdade Nacional de Filosofia era a solução ideal para corresponder à minha vontade de aperfeiçoamento em Geografia.

2) Em sua carreira acadêmica foram feitos vários cursos de especialização, entre eles o de Biogeografia com o professor Pierre Dansereau. Gostaria de saber sobre esta sua experiência em particular.

R: Tive a sorte de, terminando a Faculdade, entrar para o Conselho Nacional de Geografia (parte integrante do IBGE), numa época em que as pesquisas em Geografia, não só lá, como em todo o país, estavam em seu início. Mesmo nas Faculdades a formação que recebíamos ainda apresentava muitas lacunas. Em vista disso, os dirigentes do Conselho, sempre que possível, procuravam propiciar a seus geógrafos possibilidades para que aprimorassem seus conhecimentos.

Um professor da Faculdade de Filosofia, o professor Francis Ruellan, foi contratado com a principal finalidade de treinar os geógrafos do CNG nas técnicas de trabalhos de campo. Além disso, quando ele verificava a nossa falta dos conhecimentos necessários em determinado assunto, organizava cursos a respeito dos mesmos. Assim fez, por ex., para cartografia, geologia, entre outros; cursos esses que eram ministrados dentro do horário normal do expediente.

Os fins de semana eram destinados a excursões. Éramos sempre divididos em equipes que congregavam também, sempre que possível, alguns alunos do Departamento de Geografia da Faculdade. Em 1945 o Departamento de Geografia da Faculdade Nacional de Filosofia convidou o Professor Pierre Dansereau para que lá ministrasse um curso de Biogeografia. Tomando conhecimento disso,

¹ Profa.Dra.UNESP-Ourinhos SP. Email: luciene@ourinhos.unesp.br.

o Conselho designou dois geógrafos, Edgar Kuhlmann e eu para, não só participar do referido curso como, também, para que ficássemos à disposição do Professor, acompanhando-o em seus trabalhos de campo. Aproveitamos imensamente. Foi muito mais interessante fazer o treinamento aqui, em nosso meio, do que num ambiente estrangeiro, completamente diferente do nosso. Para o professor também, segundo nos disse mais de uma vez, foi uma oportunidade ímpar. Mais do que um mestre ele tornou-se um grande amigo, assim continuando até hoje.

3) O que levou a senhora escolher a especialidade da Biogeografia dentro da Geografia?

R: A minha resposta a essa pergunta constitui uma continuação a que dei à primeira. Quando estudei no Instituto de Educação, minha preferência era não só para a Geografia, como também para a História Natural. Dedicando-me à Biogeografia atendi, assim, a essas duas tendências.

Acontece ainda que, nos trabalhos de campo com o professor Ruellan, conhecedor de minhas preferências, incumbia-se sempre das observações sobre a vegetação o que, naturalmente, veio consolidar minha escolha.

4) A senhora poderia nos pontuar as experiências mais notáveis durante sua trajetória como geógrafa no Conselho Nacional de Geografia (parte integrante da atual Fundação IBGE)?

R: Como já assinali em resposta anterior, quando entrei para o CNG as pesquisas estavam muito em seu início: o trabalho era grande, mas poucos os geógrafos para executá-lo. Éramos divididos em cinco Secções Regionais mas, para cada uma havia apenas um chefe e um ou dois geógrafos, no máximo (quando se tratava de um trabalho de maior envergadura, reuniam-se os componentes de duas ou três secções para realizá-lo).

Assim, além de trabalhos normais de gabinete, participei dos estudos efetuados no vale do rio São Francisco (da nascente até a foz), estudos esses realizados em períodos sucessivos, sob a direção do Prof. Francis Ruellan. Sob a orientação desse mesmo professor, fiz parte da sub equipe que estudou os sítios, dentre os quais um seria indicado para a localização da nova capital do Brasil.

Sob a direção do Professor Leo Waibel (Assessor Técnico do CNG) participei dos estudos sobre colonização européia no sul do Brasil. Parte integrante desse trabalho foi o “Mapa da vegetação do Estado do Paraná”, publicado na Revista Brasileira de Geografia.

Tive a oportunidade de trabalhar, também, como o professor Kurt Ilueck, especialmente em áreas do Estado do Rio de Janeiro.

Particpei, assim, de viagens pelas diferentes regiões do país, à exceção da Amazônia, da qual outros colegas se ocuparam.

Da Secção Regional Sul cheguei mesmo a ser a chefe durante alguns anos.

Tive a satisfação de fazer parte da delegação enviada ao XVII Congresso Internacional da União Geográfica Internacional, realizado em Washington (USA) em 1952. Quatro anos depois colaborei ativamente na organização do XVIII Congresso, que teve por sede a cidade do Rio de Janeiro.

Foi uma tarefa extremamente árdua, tendo em vista todas as dificuldades a enfrentar, sobretudo quanto à realização de excursões. Em 1956, estradas, telefonia, hospedagens no interior, etc, representavam problemas bem grandes. Fiz parte de duas, dentre as nove realizadas: uma antes do congresso, dirigida pelo Professor Ary França (a de n.3) e outra depois do congresso (a de n.9) dirigida pelo colega do CNG, Orlando Valverde.

Quando, em 1958, fui transferida para São Paulo, para suprir a falta que fazia aqui a presença de um geógrafo, passei a dedicar-me às atividades de cunho cultural. Orientando professores e estudantes que freqüentemente nos procuravam, providenciando para que a nossa biblioteca fosse melhor aparelhada no setor da Geografia e o mesmo fazendo para que houvesse maior disponibilidade de publicações para venda, atendíamos às reclamações de muitos usuários que, até então, necessitavam recorrer ao Rio de Janeiro quando disso necessitavam. Tive de afastar-me dos trabalhos de campo.

5) Quais foram as motivações que a levaram a escrever o livro “Aspectos da Vegetação do Brasil”?

R: Ao me aposentar, tendo em vista tudo o que me fora dado observado nesse relacionamento com professores e estudantes, tendo mesmo a pedido da Secretaria da Educação do Estado de São Paulo, ministrado cursos, em várias cidades do interior do Estado, para professores primários, verifiquei a precariedade de informações existente no ensino básico a respeito da vegetação.

Inspirei-me, então, numa obra francesa (Vocabulaire Géographique des Formations Végétales – La Documentation Française), que preconiza: “Aprender primeiro vendo, depois lendo”. Apresentada sob a forma de pranchas com fotografias dos diferentes tipos de vegetação do mundo, devidamente identificados, possibilitava ao professor um excelente material didático.

Considerando que, apesar das devastações sofridas, ainda é possível mostrar alguns aspectos bem significativos dos principais tipos de nossa vegetação, decidi preparar uma obra semelhante para o Brasil. Tendo em vista, porém, todas as dificuldades que nossos professores enfrentam para adquirir material de trabalho, resolvi ampliar a abordagem feita pelos franceses (apenas a fotografia, ligeiro comentário sobre a mesma e localização precária num planisfério). Escrevi um texto e coloquei as fotografias adequadas à sua ilustração, além da inclusão de mapas. Não se trata, portanto, de simples fotografias comentadas, mas de um conjunto de noções bem integradas.

À semelhança de R.Clozier, organizador da obra francesa, dei preferência à utilização dos nomes populares dos diferentes tipos de vegetação, tornando o trabalho acessível a qualquer nível de ensino. O professor, logicamente, utilizará a linguagem que julgar mais adequada à compreensão de seus alunos.

Em lugar, entretanto, de ditar as características de cada tipo de vegetação, deverá, apresentada a fotografia do mesmo, orientar os estudantes para que eles, por si mesmos, percebam essas características, anotando-as com suas próprias palavras.

Será, assim, atingida a finalidade do método preconizado: "Aprender...primeiro vendo!".

Infelizmente, devo confessar, parece não ter havido a esperada percepção da importância desse material!

6) Falando especificamente sobre a classificação da vegetação brasileira, o que a senhora pensa das classificações atuais?

R: Ao que eu saiba, existe, em nível universal, uma classificação, publicada pela UNESCO, denominada "International Classification and Mapping of Vegetation", edição trilingue (inglês, francês, espanhol), tem 94 páginas, tendo sido editada em Paris, em 1973.

Tendo em vista sua utilização em mapas na escala ao milionésimo (adotada mundialmente) tomou por base, sobretudo os aspectos fisionômicos, tendo a vantagem, entre outras, de ser uma classificação aberta: permite que em cada área em que for adotada, sejam inseridos os tipos locais, nas categorias que lhes sejam adequadas.

No Brasil, há publicações do IBGE a esse respeito, como "Classificação da Vegetação Brasileira", adaptada a um sistema universal (1991); "Manual Técnico da Vegetação Brasileira" (1992). Existe, ainda, publicado pelo Ministério das Minas e Energia, o Boletim Técnico do Projeto RADAMBRASIL, intitulado "Fitogeografia Brasileira – Classificação Fisionômico-Ecológica da vegetação neotropical", publicado em 1982.

Além de algumas interpretações nem sempre muito claras, essas classificações são todas excessivamente técnicas, não se prestando à utilização por professores e estudantes em geral. Se pudermos conseguir que eles cheguem a diferenciar, pelos seus nomes comuns, os nossos principais tipos de vegetação, sabendo distingui-los na paisagem, já nos daremos por muito satisfeitos.

7) Um dos grandes problemas do ensino de Geografia é propiciar o entendimento das formações vegetais do Brasil. Por que isto acontece? Como melhorar?

R: Lamento dizer, mas, esse problema surgiu, em parte, por culpa dos próprios geógrafos. De alguns anos para cá, um certo número deles passou a ignorar totalmente o fato de que a geografia é uma ciência de síntese, englobando tanto as áreas físicas quanto humanas e esqueceram as primeiras, dentre elas a Fitogeografia.

Fazendo-se uma pesquisa quanto aos trabalhos ultimamente publicados, é fácil de ver-se que, muitos deles abordam aspectos mais de cunho puramente sociológico, econômico, entre outros. Como, naturalmente, não havia o necessário preparo para isso, os resultados deixaram a desejar, desacreditando, assim, os verdadeiros geógrafos.

Logicamente, a vegetação sendo um dos elementos do meio físico, pouco espaço tem ocupado nesses estudos, sendo também muito restrito o material disponível sobre esse assunto.

Como melhorar? Não é coisa que possa ocorrer de uma hora para outra. Isso dependerá, é óbvio, de que os próprios geógrafos se conscientizem da importância que a fitogeografia pode ter nos estudos de uma região, e passar a seguir os princípios visados por Humboldt, que preconizava, sempre, uma total integralização dos diferentes aspectos de cada área em estudo.

8) A senhora teve diversas experiências profissionais, inclusive atuando como colaboradora do ICITV (Institut de la Carte Internationale du Tapis Vegetal) de Toulouse, França; assessorias técnicas, etc, como bacharel em Geografia. Mas, atualmente poucas vagas de emprego são oferecidas para geógrafos bacharéis. Qual sua opinião sobre esse fato e qual a importância dos bacharéis nos órgãos públicos?

R: Se realmente participei, depois de aposentada, de vários trabalhos, tanto do Brasil quanto na França, isso deveu-se à minha especialização em Fitogeografia e não pelo fato de ser bacharel. Emprego mesmo,

para o qual era indispensável ter o curso de bacharel em Geografia, só tive um: o de geógrafa do Conselho Nacional de Geografia. Lamentavelmente, apesar de tratar-se de uma profissão devidamente reconhecida, a maioria dos órgãos públicos não a incluem. Talvez isso deva ser atribuído ao desconhecimento por parte dos mesmos, da importante colaboração que a Geografia é capaz de oferecer aos respectivos trabalhos, sobretudo aos que lidam com planejamentos.

9)Gostaria de agradecer sua contribuição para a ciência geográfica e sua disponibilidade para atender à revista, fazendo uma última pergunta: quais os rumos da Biogeografia Brasileira?

R: Agradecendo a oportunidade que me foi dada para que pudéssemos conversar um pouco a respeito de assunto que me é tão caro, espero que, dentre aqueles que tiverem a paciência de ler a presente entrevista, alguns passem a se interessar pelos estudos biogeográficos. Os seus rumos? Pergunta-me. Por enquanto, não são muito alvissareiros! Será preciso encarar uma boa renovação, não só nos métodos de ensino da matéria como, também, que um número maior de formados em geografia assumam o ensino, em turmas de graduação, assim colaborando para a formação, em bom nível, de um número maior de professores capacitados na matéria.

Muito obrigada!

Dora de Amarante Romariz, geógrafa pioneira!

Esta grande geógrafa brasileira foi professora primária pelo Instituto de Educação do Rio de Janeiro. Bacharel e licenciada em Geografia e História pela Faculdade Nacional de Filosofia da Universidade do Brasil e pós graduada pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da USP (Departamento de Geografia).

Possui vários cursos de especialização, entre eles o de Biogeografia, ministrado pelo Professor Pierre Dansereau, no Rio de Janeiro.

Trabalhou como geógrafa no Conselho Nacional de Geografia (parte integrante da atual Fundação IBGE) de 1945 a 1972, quando daí se aposentou.

Foi professora visitante da Universidade de Brasília (Departamento de Geografia) no curso de Geografia Biológica (1 semestre de 1978), colaboradora da UNESCO no projeto maior Oriente-Occidente (Exame de livros didáticos de Geografia), no período de 1963-1964 e assessora técnica em projetos de planejamento, como por exemplo, os de "Áreas

verdes e proteção aos mananciais” (EMPLASA, SP, 1977) e “Áreas Verdes da Cidade de Salvador” (OCEPLAN, BA, 1976).

Participou ativamente de numerosos Congressos e Reuniões Científicas, tanto nacionais quanto internacionais e autora de vários trabalhos publicados, não só no Brasil, quanto em revistas técnicas estrangeiras.

Atualmente é professora visitante em várias Universidades e Instituições Científicas Nacionais, ministrando cursos de Fitogeografia em níveis de Especialização ou Pós-Graduação.